

Haveria independência entre a mente e o comportamento?* - 28/02/2016

Você me belisca, esse estímulo sobe ao cérebro, lá ocorre algo e eu grito. Lá pode ter havido duas situações: a produção de um estado mental associado ao beliscão ou simplesmente um comando de volta de gritar. Aparentemente, imaginamos que houve um estado mental consciente organizando o recebimento e a devolução dos estímulos, mas Searle argumenta que não necessariamente. Estamos no campo das relações causais entre processos cerebrais, processos mentais e comportamento exterior. Por outro lado, alguém poderia me beliscar, muito forte, e eu não gritar, mas estar consciente, como ocorre em algumas síndromes de paralisia, o que mostraria certa independência entre comportamento e mente perfeitamente factível. A capacidade do cérebro causar consciência é diferente da capacidade do cérebro causar comportamento. E mais: os fenômenos mentais são subjetivos e somente atestados pela primeira pessoa; alguém de fora (uma terceira pessoa) não conseguiria comprovar minha consciência em alguns casos pela observação empírica. Através de experimentos de pensamento, Searle argumenta que o comportamento exterior pode ser semelhante no caso de possíveis robôs que tenham consciência, ou seja, inconscientes. E, no que tange à ontologia da consciência, o comportamento é irrelevante.

Mas, então, haveria certos fenômenos que não seriam observados pelo método empírico? Antes de tudo, há que se diferenciar um sentido ontológico que significa fatos reais no mundo e um epistêmico, que é da ordem da lógica ou da matemática. Do ponto de vista ontológico, os fenômenos podem ser verificados somente por uma primeira pessoa e não pela terceira pessoa. Por exemplo, ao examinarmos um cão, percebemos que sua fisiologia e fisionomia são semelhantes às nossas, que um beliscão causa um grunhido e podemos supor que eles possam ter uma consciência parecida com a nossa, embora o caráter qualitativo, subjetivo, não seja acessível a padrões ou métodos em terceira pessoa, mas por métodos indiretos (de causação) obtemos o mesmo resultado empírico. Contudo, pela neurofisiologia poderíamos chegar a alguns experimentos que indicassem que certos fenômenos neurofisiológicos indicam uma presença ou não de consciência ou de um tipo dela, o que permitiria uma explicação empírica para algo subjetivo por um método objetivo indireto. Assim, um fenômeno neurofisiológico x poderia indicar certo estado mental. Isso conseguido pelo método: mesma causa, mesmo efeito. A solução funciona logicamente, mas isso seria suficiente? Afinal não seria o comportamento o que determinaria a existência de consciência em outros seres, mas uma correlação com a nossa conexão causal. Obviamente, nesse caso, a ontologia não serviria para nada.

(*) SEARLE, J. R. _Rompendo o domínio: cérebros de silício, robôs conscientes e outras mentes_. In: _A redescoberta da mente_. Trad. E. P. Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 1997.